

ELTON BRUNO PINHEIRO
(Organizador)

Pesquisa e Produção em LINGUAGEM SONORA: Experiências Compartilhadas

||| Autores e Autoras |||

Agnes Magalhães | Ariane Lamarão | Arthur Pontes Costa | Ayana Saito | Bruno Calvis |
Bruno Rocha Nascimento | Caio Caldas | Cecília Bastos Cunha Nunes | Clara Maria Ortolani
Smith | Daniel Madeira | Elnatan Bernardo | Fernanda Araujo da Silva | Filipe Alves |
Filliphi da Costa | Gabriel Pimentel | Giovana Azevedo | Giullia Vênus Santos | Hallana Moreira
| Heloísa Schons | Isadora Alves Dueti | Isis Aisha | Jéssica Barros | Jéssica Moura |
João Gabriel Soccio Bezerra | João Pedro Cavalcante | Josianne Diniz | Juliana do Vale
| Jusef Felipe Oliveira | Keilla Salvador | Laura Poffo | Laura Quariguazy da Frota | Luã Santilli
| Lucas Guaraldo Itaborahy | Lucas Rafael Justino | Luiz Curado | Luiza Rodrigues Santana |
Luylla Vieira | Mylena Cardoso | Paloma Ferreira Martins | Rafael Stadniki | Rafaela Schimitt |
Roberval de Jesus Leone dos Santos | Ryanny Costa | Thyanne Beatriz | Vinicius Vinhal

Pesquisa e Produção em Linguagem Sonora: Experiências Compartilhadas

Organizador

| Elton Bruno Pinheiro |

Autores e Autoras

Agnes Magalhães | Ariane Lamarão | Arthur Pontes Costa | Ayana Saito | Bruno Calvis | Bruno Rocha Nascimento | Caio Caldas | Cecília Bastos Cunha Nunes | Clara Maria Ortolani Smith | Daniel Madeira | Elnatan Bernardo | Fernanda Araujo da Silva | Filipe Alves | Filliphi da Costa | Gabriel Pimentel | Giovana Azevedo | Giullia Vênus Santos | Hallana Moreira | Heloísa Schons | Isadora Alves Dueti | Isis Aisha | Jéssica Barros | Jéssica Moura | João Gabriel Soccio Bezerra | João Pedro Cavalcante | Josianne Diniz | Juliana do Vale | Jusef Felipe Oliveira | Keilla Salvador | Laura Poffo | Laura Quariguazy da Frota | Luã Santilli | Lucas Guaraldo Itaborahy | Lucas Rafael Justino | Luiz Curado | Luiza Rodrigues Santana | Luylla Vieira | Mylena Cardoso | Paloma Ferreira Martins | Rafael Stadniki | Rafaela Schmitt | Roberval de Jesus Leone dos Santos | Ryanny Costa | Thayanne Beatriz | Vinicius Vinhal



...

A correção gramatical, ortográfica, as ideias e opiniões expressas nos diferentes relatos acadêmicos que integram este livro eletrônico são de exclusiva responsabilidade dos(a) autores(as) e coautores(as) que assinam os capítulos que compõem a presente obra coletiva.

...

Copyright © 2018 by FAC-UnB

Capa Edição de Arte – LabAudio/FAC
Diagramação Elton Bruno Pinheiro
Revisão Ariane Lamarão
Apoio Núcleo de Estudos e Produção Digital em
Linguagem Sonora | FAC/UnB



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte,
s/n - Asa Norte, Brasília - DF, CEP: 70910-900,
Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Gerales, Fernando Oliveira Paulino,
Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina,
Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg
(Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF),
Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún
(Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman
Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e
Madalena Oliveira (Portugal).

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Rafiza Varão

Catálogo na Publicação (CIP)

P474 Pesquisa e produção em linguagem sonora : experiências
compartilhadas / Elton Bruno Pinheiro, organizador. –
Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de
Comunicação, 2018.
225 p. ; 29 cm.

ISBN 978-85-93078-30-9.

1. Linguagem sonora. 2 Produção em áudio. 3. Rádio. 4.
Gêneros e formatos radiofônicos. 5. Laboratório de áudio. I.
Pinheiro, Elton Bruno (org.).

CDU 654.195

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

(((Prefácio)))

Todo(a) estudante de Comunicação espera ansiosamente o início das atividades laboratoriais durante a graduação. Afinal de contas, é neste momento, que se trabalha tanto os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriores (fundamentos históricos, conceituais, éticos, teóricos etc.) quanto os do próprio exercício laboratorial, que busca relacionar efetivamente o par dialético teoria/prática, algo que parece tão caro aos cursos da área.

Esse foi o desafio empreendido aos(às) alunos(as) pelo professor Elton Bruno Pinheiro, do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora da Faculdade de Comunicação (FAC), da Universidade de Brasília (UnB). Nos dois semestres de 2017, o docente ministrou as disciplinas: Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1.

O resultado desta pertinente e original proposta pedagógica pode ser visto nas páginas que se seguem: um registro de alguns dos produtos (comunicacionais) sonoros que elaboraram, aliados ao pensamento crítico e teórico sobre suas atividades profissionais. Um processo que, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996, p. 24), em sua importante obra *Pedagogia da Autonomia*, “[...] pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Convenhamos que esse tipo de atividade não é comum nos cursos de Comunicação. Muitos(as) vão experimentar a escrita acadêmica (com o auxílio de método e reflexão teórica sobre o objeto de pesquisa) apenas no final da jornada de 4 anos, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Por isso, quanto antes os(as) alunos(as) exercitarem, melhor. Qualquer estímulo nesse sentido é sempre bem-vindo.

Diante disso, a proposta que nasce aqui tem outro (grande) desafio: fazer com que o produto (no formato de e-book) desse trabalho pedagógico tenha continuidade e estimule outras universidades a experimentar esse modelo. Ganha o ensino de Comunicação, ganha a FAC/UnB, ganha o professor responsável pelo projeto, ganham os futuros profissionais da área...

Cristiano Anuniação
Professor de Comunicação
do Centro Universitário Estácio de Brasília

(((Sonoridades Compartilhadas – Apresentação)))

Os textos aqui reunidos constituem uma síntese dos conhecimentos compartilhados e aprendizados reverberados pelos(as) estudantes de Audiovisual, Publicidade e Jornalismo no âmbito do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação em três disciplinas – Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1 – ministradas ao longo do ano letivo 2017.

Configura-se como um primeiro registro de um processo mais longo, que visa ampliar a compreensão de cada estudante quanto às possibilidades e à importância da pesquisa e da produção na área da linguagem sonora, levando em consideração toda sua peculiaridade – elementos, subcódigos, condicionantes.

Cada memória a respeito dos diversos processos de produção aqui compartilhados revela duas realidades: o quanto os(as) estudantes, no ambiente laboratorial, se surpreendem com a dinâmica e a complexidade da linguagem sonora e o quanto ainda temos a experimentar tendo-a como aporte teórico e metodológico.

Ao longo dos semestres, em cada aula, reiteramos que pensar a linguagem sonora não é limita-la à mensagem radiofônica, tanto que cada texto aqui inserido demonstra, em alguma medida, as referências que os(as) estudantes já detinham sobre essa linguagem nos mais diversos meios, como no cinema e no audiovisual, na publicidade, na televisão, na *web* etc.

Todavia, partir dos pressupostos radiofônicos é sempre uma estratégia frutífera. Assim, o que relata cada estudante ao longo dessa obra é como se deu seu contato com a linguagem sonora a partir da produção de mensagens radiofônicas de diversos gêneros (entretenimento, institucional, educativo, cultural, jornalístico, humor, ficcional) e formatos (audiobiografias, programas temáticos, especiais, séries e reportagens). A leitura atenta e contextualizada com a realidade da produção experimental e laboratorial revelará como cada estudante percebeu as vantagens e os instigantes desafios de se trabalhar com a construção de imagens sonoras que primem tanto pelo diálogo entre seus mais diversos elementos e subcódigos – o silêncio, a palavra, a voz, a música, os efeitos, os ruídos etc. (BALSEBRE, 1994) – quanto pela inteligibilidade, correção, relevância e atratividade (ALVES, 1994) das mensagens.

É importante ressaltar que cada atividade proposta e realizada pelos(as) estudantes no LabAudio em cada uma das disciplinas aqui já assinaladas buscaram, muito além da experimentação e da produção de materiais sonoros de diversos gêneros e formatos, o aperfeiçoamento destes em quatro dimensões do saber, indicadas no *Relatório da UNESCO para a educação no século XXI*: o saber conhecer, o saber fazer, o saber ser e o saber conviver.

Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer.

Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (DELORS, 1997, p.101-102)

Tais dimensões nortearam as práticas didáticas desenvolvidas em nosso ambiente laboratorial e em muito contribuíram para que fôssemos além daquelas previstas nos planos de aula e “arriscássemos”, em grande equipe, na busca de algo sintonizado com a *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001) em cada produção. Nesse contexto, desenvolvemos ao longo do ano de 2017, em parceria com Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora (NEPLIS/FAC/UnB), o *site* institucional do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação <www.labaudio.unb.br>, que além de permitir o armazenamento de todo o material produzido pelos nossos(as) estudantes, servirá como ambiente permanente, fluído e rico para experimentação, motivando, inclusive, o aperfeiçoamento de estratégias de propagação de conteúdos em áudio no ambiente da convergência digital e da conexão em rede.

Vibrações Sonoras! Boa leitura-escuta!

Elton Bruno Pinheiro | Organizador
Professor da Faculdade de Comunicação
Universidade de Brasília – UnB

(((Sumário)))

PARTE 1 – ROTEIRO, PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO EM ÁUDIO08

A importância da audiobiografia na revelação de tesouros 10

Roberval de Jesus Leone dos Santos

Vidas Sonoras: reflexões sobre a audiobiografia de Taya Queiroz..... 26

Jéssica Barros

Juliana do Vale

Professora Dione Oliveira Moura: uma audiobiografia 41

Josef Felipe Oliveira

Luiza Rodrigues Santana

Ivanni Gonçalves: audiobiografia da maior pescadora da Serra da Mesa 58

Ariane Lamarão

Gabriel Pimentel

Zé do Pife: uma audiobiografia sobre intervenção sonora 70

Jéssica Moura

Laura Poffo

O Cara do Wrap: estética ficcional em uma narrativa documental sonora 83

Filipe Alves

Rafael Stadniki

Sandra: uma audiobiografia..... 95

Lucas Rafael Justino

Luylla Vieira

Chiquinho, por ele mesmo: uma audiobiografia 109

Bruno Rocha Nascimento

Elnatan Bernardo

PARTE 2 – INTRODUÇÃO À LINGUAGEM SONORA117

O silêncio: a multiplicidade de sentidos do “espaço vazio” 119

Ayana Saito

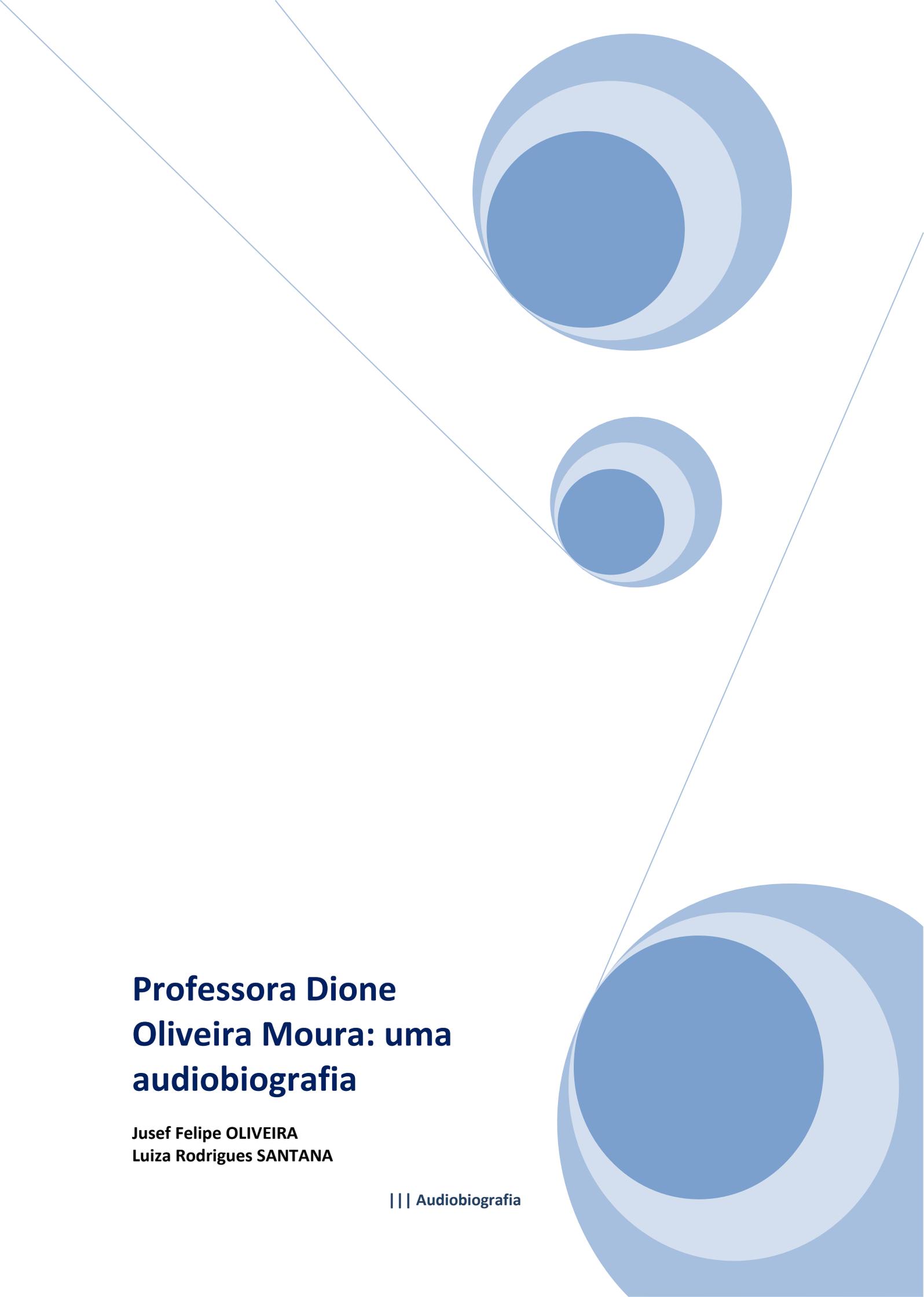
Bruno Calvis

Caio Caldas

Isis Aisha

A palavra como elemento semântico e estético da linguagem sonora	131
Arthur Pontes Costa João Gabriel Soccio Bezerra Lucas Guaraldo Itaborahy Paloma Ferreira Martins	
O som reflexões aplicadas à produção laboratorial experimental:	142
Josianne Diniz Keilla Salvador Thyanne Beatriz	
Reflexões sobre a produção experimental “Acesso FAC – Efeitos Sonoros”	154
Cecília Bastos Cunha Nunes Fernanda Araujo da Silva Mylena Cardoso João Pedro Cavalcante	
A voz: reflexões e plásticas do elemento sonoro	166
Laura Quariguazy da Frota Luã Santilli Daniel Madeira	
A voz como mensagem	175
Luiz Curado Rafaela Schimitt Ryanny Costa Vinicius Vinhal	
Relevância da música para a formação de identidades	187
Agnes Magalhães Clara Maria Ortolani Smith Giovana Azevedo Heloísa Schons	
PARTE 3 – JORNALISMO EM RÁDIO	196
Os desafios da produção e de uma reportagem radiofônica especial	198
Filliphi da Costa	
A produção da reportagem especial no rádio	208
Hallana Moreira Isadora Alves Dueti	
Seu Estrelo e Fuá do Terreiro: uma reportagem radiofônica especial	218
Giullia Vênus Oliveira Santos	

||| PARTE 1 |||
**ROTEIRO, PRODUÇÃO
E REALIZAÇÃO EM ÁUDIO**
Audiobiografias



Professora Dione Oliveira Moura: uma audiobiografia

**Josef Felipe OLIVEIRA
Luiza Rodrigues SANTANA**

||| Audiobiografia

Professora Dione Oliveira Moura: uma audiobiografia¹⁴

Jusef Felipe Oliveira¹⁵
Luiza Rodrigues Santana¹⁶
Universidade de Brasília – UnB

O desafio enfrentado pelo som na sociedade das imagens

O presente texto tem como propósito dissertar sobre o trabalho *Professora Dione Oliveira Moura: uma audiobiografia*, realizado pelos alunos do quarto semestre do curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UnB, Jusef Felipe Oliveira e Luiza Rodrigues Santana. Antes de esmiuçar a realização da peça radiofônica, é preciso compreender o universo que esta habita – o mundo do rádio, a cultura do ouvir.

Com o passar dos anos e o concomitante advento da tecnologia, a sociedade está cada vez mais guiada por uma cultura que valoriza a imagem e, assim, negligencia o escutar. Da mesma forma que a televisão, em alguma medida ou na visão de alguns, destronou o rádio, a imagem parece ter cada vez tem mais poder e conseqüentemente o som acaba sendo desvalorizado. Estamos no que Norval Baitello Junior (1997, p. 4) chama de “Sociedade da Imagem”. No mesmo texto o autor ainda questiona o fato de a sociedade contemporânea estar se tornando surda, não pela incapacidade de ouvir, mas por não dar atenção e valor ao que ouve. “A cultura e a sociedade contemporâneas tratam o som como forma menos nobre, um tipo de primo pobre, no espectro dos códigos da comunicação humana.” (BAITELLO, 1997, p. 5).

¹⁴ A Audiobiografia da professora Dione Moura pode ser acessada em no site do LabAudio da FAC/UnB, no endereço:

<http://labaudio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=705>

¹⁵ Graduando do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Bolsista de Extensão no Projeto Produção Radiofônica e Educativa e Conexões Culturais. Membro do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora (NEPLIS), vinculado ao Laboratório de Áudio (LabAudio/FAC/UnB). E-mail: jusef.felipe@gmail.com.

¹⁶ Graduanda do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Email: luizarodrigues95@outlook.com.

Apesar de o som muitas vezes ser sobreposto pela imagem, o universo sonoro é único em sua linguagem e elementos. Armand Balsebre, ao definir o que é linguagem, assinala que o som possui sua própria: “Existe linguagem quando tem-se um conjunto sistemático de signos que permite certo tipo de comunicação. [...] A linguística moderna fixa também um terceiro aspecto entre o código e a mensagem: o uso social e cultural” (BALSEBRE, 1994, p. 327). Balsebre segue em seu texto explicando como o avanço da tecnologia interferiu na própria linguagem sonora, modificando e enriquecendo, criando novas possibilidades a partir do trabalho específico com o som.

Com o desenvolvimento tecnológico da reprodução sonora; a profissionalização dos roteiristas, montadores, realizadores e locutores; a adaptação ao novo contexto perceptivo imaginativo, que determinava uma maneira distinta de escutar o som, e, também, com o pleno convencimento de que a mensagem sonora do rádio poderia transformar e tergiversar a expressão da natureza, principalmente através da ficção dramática, criando novas paisagens sonoras, nasceram rapidamente novos códigos, novos repertórios de possibilidades para produzir enunciados significantes. (BALSEBRE, 2005, p. 328).

Um ponto primordial proporcionado pelo ouvir, mas especificamente o rádio – apontado por José Eugênio de Menezes em *Rádio e Cidade* – é de que os sons provocam uma imagem visual – estimulam a inteligência – uma vez que, diferentemente da cultura da visão, as paisagens, imagens diversas não estão previamente construídas, prontas.

A criação de imagens com o som está intimamente ligada ao conceito de paisagem sonora, que Murray Schafer define em seu livro *A Afinação do Mundo* (1997, p. 23): “A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como *paisagens sonoras*.” O uso dos elementos da linguagem sonora é o que torna possível a criação de imagens apenas através dos sons.

Em *Produção de Programas de Rádio – do roteiro à direção*, Mario Kaplún define as três funções primordiais a serem desempenhadas pelo rádio:

Um das noções clássicas em comunicação de massa é a que estabelece que o rádio tem três funções a cumprir – informar, educar, entreter – e que, portanto, seus programas devem

classificar-se em três categorias: informativo, educativo-culturais e de entretenimento. (KAPLÚN, 2017, p. 20).

Tendo em vista esse ponto, essas funções não são excludentes e realizadores em rádio devem desfrutar livremente de um conteúdo híbrido que as mescle.

O incentivo à cultura do ouvir é a solução para que haja uma maior valorização da linguagem sonora. Partindo do pressuposto de que estamos em uma sociedade voltada à imagem, o som se encaixa nesse padrão através de sua capacidade em formar imagens mentais e interiores, “diferentemente da cultura da visão, os cenários não estão prontos, as imagens não estão definidas, e, com isso, os sons provocam a criação de imagens mentais, geram imagens endógenas” (CANAMARY, 2008, p 257).

A palavra, o texto, a voz, devem ser claros e de fácil entendimento, é a principal forma de se transmitir informações em um produto em áudio. Os efeitos são vários, dão brilho ou opacidade, são os efeitos que dão a cor, ditam o clima, criam a paisagem, formam as imagens. A música pode ser instrumental ou cantada, é o produto em áudio mais consumido. O silêncio, tudo começa e termina por ele, causa desconforto ou alento, serve para dar uma pausa, respirar um pouco, está sempre presente, basta só ouvir. Esses são os principais elementos da linguagem sonora, são o que a caracterizam como linguagem.

A proposta da atividade era a produção e realização de uma peça radiofônica dentro do gênero educativo-cultural, porém, como sugerido por Canamary (2008), mesclando elementos também informativos e de entretenimento.

Compreendendo o gênero comunicacional educativo-cultural

Como brevemente mencionando no tópico anterior, a peça a qual se referencia o presente trabalho foi concebida e realizada dentro do gênero educativo-cultural. Mas como se define tal gênero? Qual a sua importância?

Antes de aprofundar acerca do gênero em questão, deve-se estabelecer a que se refere a categorização de gênero no que tange o universo radiofônica. A citação que segue, extraída do texto *Gêneros e formatos radiofônicos* de Eduardo Vicente (2010, p. 408), define com bastante clareza: “consideramos gênero radiofônico uma

classificação mais geral da mensagem, que considera o tipo específico de expectativa do ouvinte que ela visa atender”.

Nesse sentido, o gênero educativo-cultural, por exemplo, consiste em um programa voltado para transmissão de conteúdos educacionais e culturais (VICENTE, 2010). A produção de conteúdo de caráter educativo e cultural é fundamental para a democratização do saber. Enquanto muitas vezes a noção de cultura e educação é referenciada a um público elitizado; e a produção de conteúdo desse gênero é feita de forma desinteressante e não atrativa, surge a necessidade da criação de produtos não só atrativos e interessantes, mas também de fácil acesso e divulgação.

No artigo *Gênero educativos no rádio: parâmetros para a elaboração de programas voltados à educação*, as autoras Roseane Andrelo e Maria Tereza Kerbauy (2009) destacam uma importante função do caráter educacional do rádio: formar ouvintes críticos, cidadãos conscientes, pessoas com sensibilidade estética, ética etc. Isto é, o rádio tem papel fundamental uma vez que oferece subsídios para que a população alcance, de maneira democrática, o saber em diversas áreas. As autoras tratam em seu artigo da especificidade deste veículo de comunicação tão particular e relatam a importância de se pensar e adaptar o gênero educativo a multiplicidade do rádio, buscando alternativas para o modelo tradicional de ensino (professor – aluno).

Como produzimos uma audiobiografia pensada para rádio e também para adaptação em novas mídias, é necessário ressaltar a importância das rádios educativas. A maioria das emissoras de rádio no Brasil são comerciais, enquanto as emissoras educativas se restringem a rádios universitárias e de fundações vinculadas com o Estado de alguma forma. A primeira rádio do Brasil foi fundada por Roquette-Pinto, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que logo depois foi doada ao Ministério da Educação, com a condição de que a emissora se restringisse a programas educativos.

A escassez, tanto de emissoras educativas, quanto de audiência em programas educativos, está intimamente relacionada à cultura do ouvir. As rádios mais ouvidas têm sua programação voltada à música, notícias e programas religiosos, o costume de ouvir programas educativos se limita a poucos ouvintes.

Apesar de existir medidas que obriguem até mesmo as emissoras comerciais de rádio e televisão a transmitirem programas educativos, a melhor alternativa para o gênero é a adaptação às novas mídias. Na *internet* é possível encontrar uma vastidão

de produtos educativos e culturais, uma parte é de produtos que foram feitos pensando em outros meios, como rádio e televisão, e foram adaptados para a *web* e novas mídias, mas também existem os conteúdos que foram feitos exclusivos para a *internet*, com sua linguagem e suas características voltadas para o meio.

A Empresa Brasil de Comunicação (EBC) disponibiliza os seus conteúdos para a reprodução e *download* gratuito, as rádios da EBC possuem ótimos programas educativos e culturais disponíveis gratuitamente em seu *site*¹⁷. A empresa de comunicação Roquette-Pinto é responsável pela produção do programa *Hora do Enem*, com aulas dinâmicas voltadas ao Exame Nacional do Ensino Médio, a transmissão é feita pela TV Escola, também disponível no *site*¹⁸ da emissora e em seu canal no *YouTube*¹⁹. Em plataformas como o *YouTube*, existem muitos conteúdos audiovisuais de sucesso que se encaixam no gênero educativo-cultural, o canal *Descomplica*²⁰ apresenta videoaulas com conteúdos preparatórios para vestibulares e concursos, é um dos canais mais conhecidos desse formato.

As novas mídias oferecem uma facilidade de criar e divulgar conteúdos, dando oportunidade de produzir independente das grandes empresas de comunicação e das instituições públicas, isso gera uma grande variedade de conteúdo. Dessa forma, a melhor opção para a democratização do conhecimento é através da produção pensada no meio digital, é por esse caminho que a produção de caráter educativo-cultural, inclusive a radiofônica, vai conseguir atingir o seu objetivo de difundir a cidadania.

Audiobiografia: instrumento de memória e informação

A audiobiografia é um formato que se insere dentro do gênero educativo-cultural, por lidar com a memória e com a informação. Tem como objetivo discutir a vida de determinada personalidade e, tendo como tema central um indivíduo, através de sua vida extrair lições a serem passadas ao ouvinte-leitor.

¹⁷ Os conteúdos das Rádios EBC podem ser acessados em: <<http://radioagencianacional.ebc.com.br/>> e também em: <<http://radios.ebc.com.br/>>.

¹⁸ Os episódios estão disponíveis em: <<https://tvescola.mec.gov.br/tve/videoteca/serie/horadoenem>>.

¹⁹ Os episódios no *YouTube* podem ser acessados em: <https://www.youtube.com/user/tvescola/playlists?shelf_id=17&sort=dd&view=50>.

²⁰ O canal se encontra em: <<https://www.youtube.com/user/sitedescomplica>>.

A escolha dos assuntos a serem abordados na audiobiografia é essencial para manter a atenção de quem escuta. Uma narração bem trabalhada, com uma dicção inteligível, o bom uso da trilha e de outros efeitos são atrativos, mas não conseguem prender a atenção do ouvinte até o fim; uma boa história é o que vai garantir a permanência. Este tipo de formato requer muita pesquisa prévia, assim como recolhimento de depoimentos – da personalidade em questão e/ou pessoas com quem esta obteve contato.

Trata-se de um formato que se propõe a um resgate da memória. Muitos dos audiobiografados podem ser também, por exemplo, personalidades já falecidas, sendo um formato muito usado em homenagens póstumas. Entretanto, é possível e um exercício estimulante abordar indivíduos vivos e atuantes, nesse caso, a memória entra ao relatar a trajetória de vida e também pela existência de um produto em áudio em que ficarão registrados os feitos do(a) audiobiografado(a).

Sendo um formato pouco explorado e com pouca visibilidade dentro das produções em áudio, é possível notar que seguem um padrão: narração clara, trilha musical e uso de entrevistas. Porém, dentro de uma produção laboratorial universitária, surgem novas opções: história narrativa, a junção de elementos ficcionais, dados estatísticos, depoimentos e o uso de efeitos para a ilustração.

Um exemplo da versatilidade do formato é o *podcast* norte americano *Living The Dream With Rory O'Malley*²¹. Disponível digitalmente, o programa consiste em biografar personalidades do teatro norte-americano – mais especificamente da *Broadway* – e esclarecer, explicar e apresentar a realidade do mercado teatral nos Estados Unidos da América. A cada episódio, *O'Malley* e o(a) convidado(a) biografado(a) conversam acerca de suas experiências profissionais e oferecem ao ouvinte-leitor uma crua e verdadeira análise e reflexão da indústria da área.

Outro exemplo, que serviu de inspiração para a realização da audiobiografia que produzimos, é o programa da rádio EBC, *Na Trilha da História*, sobre Elis Regina²². Apesar de ser um programa extenso de 55 minutos e 17 segundos, é extremamente dinâmico, com uma narração viva, intercalada com as músicas da cantora e entrevistas de um especialista. Os acontecimentos narrados da vida de uma das maiores cantoras

²¹ Todos os episódios do referido *podcast* podem ser acessados em: <<https://roryo.podbean.com>>.

²² O programa pode ser encontrado em: <<http://radios.ebc.com.br/na-trilha-da-historia/2017/03/na-trilha-da-historia-homenageia-elis-regina>>.

do Brasil criam no ouvinte uma curiosidade e promovem uma imersão na história e na vida de Elis.

Personalidades como Elis Regina, Carlos Imperial, Machado de Assis, entre outros, já foram biografados pelo Programa *Na trilha da história* e têm sua obra apresentada para grande público²³. Além de um intenso trabalho de pesquisa, os programas também contam – como consta na definição a seguir retirada da página inicial do programa²⁴ – com entrevistados que enriquecem a peça com dados ou curiosidades. “[...] mistura um bate-papo sobre História do Brasil e do Mundo com músicas. Toda semana, a apresentadora Isabela Azevedo recebe um entrevistado para falar sobre um período ou personagem histórico.” (EBC, *online*).

Os caminhos para a produção de uma audiobiografia

Num primeiro momento não sabíamos quem escolheríamos para ser o nosso audiobiografado. Como a orientação do professor Elton Bruno Pinheiro, docente da disciplina Roteiro, Produção e Realização em Áudio, era que fosse escolhida uma pessoa que tivesse alguma relação com a Universidade de Brasília (UnB), a gama de possibilidades era enorme.

Decidimos então escolher alguém do nosso meio que também tivesse um papel significativo para a sociedade. Escolhemos, portanto, a professora Dione Oliveira Moura. Dois principais motivos dessa escolha são o fato de a professora ser uma das relatoras do processo de cotas raciais na UnB e por integrar a minoria de professores negros na Faculdade de Comunicação – a universidade que deu início ao programa de cotas tem uma porcentagem de professores autodeclarados negros baixíssima, segundo a matéria²⁵ do *site* de notícias G1, a porcentagem em 2016 era de menos de 2%.

Dione Moura também é pesquisadora de temas como questões raciais, ações afirmativas, gênero e questões ambientais; e não se contenta em ser só pesquisadora,

²³ Todos os programas mencionados podem ser acessados em: <<http://radios.ebc.com.br/natrilhadahistoria>>.

²⁴ Sinopse disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/natrilhadahistoria> Na sessão intitulada ‘Sobre o programa’> .

²⁵ A matéria pode ser acessada em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/01/pioneira-em-cotas-raciais-unb-tem-menos-de-2-de-professores-negros.html>>

trabalha/milita ativamente nas áreas em que desenvolve seus estudos. Nasceu em Goiânia, Goiás. A professora conta que a educação sempre foi prioridade para ela e para seus irmãos. Dione se formou em Comunicação Social – Jornalismo – em 1986 pela Universidade Federal de Goiás; veio para Brasília cursar o Mestrado na UnB, onde também realizou seu Doutorado e desde então é professora na Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB. Em 2003, atuou como relatora do processo de cotas na UnB, possui um número muito expressivo de participação em bancas de Trabalhos de Conclusão de Cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado.

Um dos principais intuitos da peça em questão, sempre seguindo a vida de nosso sujeito – Professora Dione Moura – como ponto norteador, é discutirmos a presença dos negros no ambiente acadêmico. Este ponto foi estabelecido logo ao iniciarmos o processo de pesquisa, o que nos influenciou no momento da escolha.

Depois da escolha da audiobiografada, era necessário escolher o método de produção. A pesquisa foi feita em conjunto: Luiza Rodrigues ficou com o roteiro e a locução, Jusef Felipe ficou com a produção e edição. Uma das orientações do trabalho foi que houvesse entrevistas como fonte de pesquisa para a produção; também foi explanado em aula pelo professor Elton a possibilidade de se fazer um roteiro aberto para as entrevistas, assim decidimos optar por esse modo.

Com a escolha da nossa personagem – e uma primeira imersão na pesquisa – estabelecemos pontos para nos guiarmos em pesquisa mais aprofundada e durante a entrevista com a Professora Dione.

Um roteiro aberto se diferencia por não conter perguntas fechadas, e sim tópicos a serem abordados, deixando que o entrevistado discorra livremente sobre eles. Os tópicos²⁶ escolhidos foram:

- Biografia – Origem, carreira acadêmica;
- Negros no corpo docente – Processo de implantação do Sistema de Cotas;
- Negros no corpo discente – Representatividade;
- Importância do diálogo acerca de questões raciais em casa.

Foi realizado o contato com a professora Dione através de seu *e-mail*, ela respondeu rapidamente e de forma atenciosa se dispondo a participar do projeto. Marcamos uma data para fazer a entrevista.

²⁶ A pedido da Professora Dione Moura estes pontos foram enviados a ela previamente por *email*.

Iniciamos um extenso processo de pesquisa – análise da página da Professora na plataforma *Lattes*, artigos escritos por ela, entrevistas que concedera, artigos acerca da implantação do sistema de cotas e a escassez de professores negros na universidade.

Foi decidido que usaríamos as falas da professora no produto, ou seja, seria necessário uma captação de som externo, o que pareceu, a princípio, ser um problema pela falta de equipamentos. Muitos colegas contam que enfrentaram problemas com o gravador que a Técnica da FAC disponibiliza, então usamos equipamentos pessoais. Para entrevista utilizamos um microfone do estilo lapela, que possui um conector compatível com *smartphones* e afins, que demonstrou ter uma qualidade de captação satisfatória.

A entrevista ocorreu na sala de reuniões da Faculdade de Comunicação – local isolado e com pouco barulho para não comprometer a qualidade do resultado final – totalizando 40 minutos e 13 segundos. A Professora Dione foi bastante receptiva e nos concedeu uma entrevista muito rica em detalhes. A longa duração da entrevista mostrou-se um desafio para nós, uma vez que nós tínhamos muito material para enriquecer nosso trabalho e, ao mesmo tempo, a orientação prévia de que o tempo máximo da peça deveria ser de 7 (sete) minutos.

Após a entrevista com a professora Dione Moura, Luiza Rodrigues sugeriu que fizéssemos entrevistas com alunos da UnB, perguntando se já tiveram aula com professores negros e se isso fazia alguma diferença. As entrevistas seriam inseridas no meio do produto, conseguimos respostas de diversos pontos de vista.

Com a entrevista realizada, o próximo passo foi a estruturação do roteiro, que consistiu em analisar atentamente a entrevista, selecionar as partes que iríamos utilizar e, então, a elaboração do roteiro. Esta etapa coube a Luiza. Houve uma escuta minuciosa da entrevista e anotação das falas – assim como os minutos e segundos em que entravam – que melhor se encaixariam em nosso pré-roteiro. Em seguida se iniciou o processo de elaboração do roteiro definitivo, algumas falas da Professora Dione foram incorporadas como falas da locutora. A estrutura do roteiro consiste em falas intercaladas entre a locutora e a Professora Dione e uma pequena inserção da entrevista – previamente citada.

Estabelecido o roteiro, Luiza gravou no Laboratório de Áudio da FAC as falas do locutor e em seguida ambos percorremos os corredores do ICC (Instituto Central de Ciências), no campus Darcy Ribeiro da UnB, colhendo depoimentos de alunos com o intuito de obtermos mais informações acerca da escassez de negros no quadro discente da faculdade.

Com o roteiro pronto e as locuções gravadas a etapa seguinte foi a edição. Não foi necessário um tratamento extensivo nos arquivos, a remoção de ruídos foi mínima. Nas locuções gravadas por Luiza só foi necessário regular o ganho, porém como a gravação da entrevista com a professora Dione tinha 40 minutos, o trabalho de achar as falas a serem usadas foi exaustivo; outro problema é que Dione se expressou de forma muito espontânea, de maneira não-linear em suas ricas falas, com algumas pausas e hesitações, típicas desse tipo de entrevista –, assim, para manter um ritmo na peça, foi necessária a remoção pontual de marcas da oralidade. A trilha sonora foi trabalhada basicamente em *background* – ao fundo da narração sem sobrepor a fala.

A maior dificuldade que uma audiobiografia pode trazer no momento da sua realização é a falta de pesquisa aprofundada. Não é possível falar sobre alguém sem que haja uma quantidade suficiente de informação sobre a pessoa, caso contrário corre-se o risco de falar e falar e acabar não expressando nada. Em toda a realização é possível enfrentar problemas do tipo: falta de planejamento, não cumprimento de prazos, falta de disponibilidade de horários da equipe e do entrevistado, ao produzir uma audiobiografia é preciso estar atento para não cometer esses erros.

Contudo, devido a nossa pré-produção e etapa de pesquisa bem desenvolvidas, o desafio maior que enfrentamos foi o processo de garimpagem da entrevista e a edição das falas da personagem. Ambos os pontos ocorreram – como já falado – devido à longa entrevista que realizamos, o que nos exigiu certa “costura” de falas e trechos distintos.

Voltamos a reiterar aqui a extrema necessidade de um dedicado processo de pesquisa, pois em um trabalho desta natureza a entrevista e o roteiro são estruturados, sobretudo, pelo conhecimento prévio.

A pesquisa é a parte principal da produção de uma audiobiografia. Tivemos a sorte de escolher alguém com bastante informação disponível e com disposição de falar sobre si. Nem todos os audiobiografados possuem essas características. Produzir

essa peça nos mostrou que, se a pesquisa for rica, o roteiro fica mais bem estruturado o que faz a edição ser mais fácil e precisa. O segredo para a realização de uma boa audiobiografia é, sem dúvidas, a pesquisa.

A voz como elemento estético norteador

Em nossa peça a voz foi o carro chefe. Com uma trilha sonora em BG (*background*)²⁷ por quase toda a peça as falas da locutora e as falas da Professora Dione eram as responsáveis por informar aos ouvintes-leitores do que se tratava o trabalho. É a voz que guia a história e que guarda a maioria da informação que planejamos transmitir.

Visto que é necessário que um produto em áudio seja dinâmico, houve, pelo limitado tempo da peça, um trabalho de corte muito grande na fala da professora entrevistada. Já na fala da Luiza, não foi preciso cortar nem mesmo as pausas, pois a locução feita por ela estava em sintonia com o tempo previsto para a execução da peça e muito bem com todos os aspectos do produto – uma voz suave, mas firme que interage com os ouvintes-leitores.

Uma alternativa estética, ainda dentro do elemento voz, foi a inserção de entrevistas com alunos da UnB. Além de dinamizar o produto, estão colocadas de uma forma que prendem a atenção do ouvinte-leitor. É importante ter cuidado ao fazer uma audiobiografia, pois a locução de só uma pessoa pode deixar maçante e cansativo, e o uso de diversas vozes e locuções pode fazer com que o produto perca sua unidade.

Embora em segundo plano, a escolha da trilha não foi negligenciada. Escolhida por Jusef Felipe durante a montagem, foi decidido previamente que deveria se tratar de algo nacional, descontraído e leve para que fosse mantido um tom otimista e por vezes contemplativo que não interferisse nas falas/vozes.

A trilha musical, além de trazer leveza a audiobiografia, faz com que o ouvinte-leitor se identifique e também quebra a possível monotonia da fala. Além disso, aparece com outras funções, entre as falas da professora Dione e as locuções da Luiza, Jusef aumentou o ganho para que a trilha que já estava no *background*, agisse como uma cortina – cortinas são pequenos efeitos sonoros que são inseridos com a função

²⁷ Background é, de modo geral, o som (de vozes, música, efeitos, ruídos) que se ouve em segundo plano em determinado ambiente ou produto audiovisual.

de separar um assunto de outro –, separando as falas, dando um tempo para o ouvinte captar melhor a mensagem.

Contudo – quebrando o até então papel secundário da trilha – ao final da peça a fala abre alas para uma sutil e rápida mudança de foco. Nos instantes finais é introduzida a música Comportamento Geral, composta e cantada por Gonzaguinha – até este ponto da peça a trilha era somente instrumental – cuja letra conversa, de modo complementar e reflexivo, com as falas finais da professora Dione Moura. A poesia e melodia da referida canção também trouxeram à audiobiografia a mensagem que planejamos transmitir.

Considerações finais

Embora atualmente negligenciada por nossa sociedade excessivamente visual a cultura do ouvir é primordial para nós. Através da capacidade de ouvir é possível instigar nossa imaginação, aguçar nossa inteligência e vivenciar prazeres que somente o olhar não é capaz de proporcionar.

A linguagem sonora com suas especificidades é rica e proporciona um universo a ser trabalhado. Este é vasto e poderoso, contudo, é necessária sabedoria para que um conteúdo seja devidamente adaptado para este meio tão particular.

Por integrar o universo das novas mídias, as produções em áudio devem se adaptar de forma dinâmica e atrativa. É necessário produzir conteúdos que vão além do entretenimento e possuam a função social de instruir e educar, pois o alcance que os produtos em áudio têm é muito extenso, seja no rádio ou na *internet*.

O formato audiobiografia é ainda pouco explorado, mas possui um campo muito vasto de possibilidades. Atua como instrumento ressignificador da memória, e também como disseminador de conhecimentos – possui uma capacidade de impacto e assistência a comunidade muito grande –, podendo não só instruir, mas também entreter quem gosta de uma boa história. Ao produzir uma peça deste formato, podemos perceber o qual poderoso e eficiente ele pode ser.

Por fim, possuir um ambiente à disposição como o Laboratório de Áudio da FAC/UnB e o ambiente disponibilizado pela disciplina Roteiro, Produção e Realização em Áudio para produzir dentro dos mais diversos gêneros e formatos é algo

extraordinariamente rico para os estudantes, pois possuem a liberdade de experimentar e se descobrirem enquanto futuros profissionais do Audiovisual.

Em um mundo comunicacional que está inserido cada vez mais no ambiente digital e interativo, é importante que exista experimentação em produtos que seriam restritos aos velhos meios, para que se encaixem dentro dos novos modelos e das novas exigências do público e passem a integrar as novas plataformas. Dentro do ambiente laboratorial é permitido arriscar, criar, modificar, e o resultado disso é sempre positivo para a própria linguagem trabalhada.

Referências

ANDRELO, Roseane e KERBAUY, Maria Tereza. Gênero educativo no rádio: parâmetros para a elaboração de programas voltados à educação. **Intercom** – Revista Brasileira de Ciências das Comunicações, São Paulo, v.32, n.2, p. 147 – 164, jul./dez. 2009.

ALVES, Walter. A Cozinha Eletrônica In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio** – textos e contextos vol.1. Florianópolis: Insular, 2005.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A Cultura do Ouvir**. Seminários Especiais de Rádio e Áudio - Arte da Escuta - ECO, 1997. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/ouvir.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2017.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio** – textos e contextos vol.1. Florianópolis: Insular, 2005.

CANAMARY, Mariana Lima Sousa. É preciso resgatar a cultura do ouvir. **Comunicação e Sociedade**, v. 30 n. 50, p.255-257, 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/722/726>>. Acesso em: 11 out. 2017.

JOSÉ, Carmen Lúcia. **Vozes e Roteiros Radiofônicos**. São Paulo: Paulus, 2015.

KAPLÚM, Mario. **Programas de Rádio, do sorteio à direção**. Tradução de Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi (Org.). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

MELLO VIANNA, G. V. G. Elementos sonoros da linguagem radiofônica: a sugestão de sentido ao ouvinte-modelo. **Galaxia**, n. 27, p. 227-240, 2014.

ROLDÃO, Ivete Cardoso. **O Papel de Uma Rádio Educativa**. 2002. Disponível em: <<http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal1/MesasRedondas/IveteCardoso.htm>>. Acesso em: 11 out. 2017.

SCHAFER, R. Murray. **A Afinação do Mundo**. Fundação Editora da UNESP. 1997.

VICENTE, Eduardo. Gêneros e Formatos Radiofônicos. In: HAUSMAN Carl et al. **Rádio – Produção, Programação e Performance – Tradução da 8ª Edição Norte-Americana**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

Anexo – Roteiro

Ficha Técnica	
Apresentação/Locução: Luiza Santana	Produção: Jusef Felipe
Pesquisa: Jusef Felipe e Luiza Santana	Edição: Jusef Felipe
Roteiro: Jusef Felipe e Luiza Santana	Direção/Orientação: Elton Bruno Pinheiro

Sinopse do Programa
Audiobiografia da professora doutora Dione Moura, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Programa: **Vidas Sonoras – Especial “Dione Moura”**

TÉC	<u>VINHETA DE ABERTURA - 1X - CORTA</u>
------------	--

LOC 1 Ser uma mulher negra faz diferença/, com essa história de vida faz diferença no tipo de profissional que eu sou.// Deveria ter mais mulher,/ não só mais mulheres negras,/ mas mais mulheres no ensino superior.//

TÉC	<u>TRILHA 1: ARQUIVO: “fundo-mixdown.wav” - 4” - BG</u>
------------	--

LOC 2 Professora/ Doutora/ Dione/ Oliveira/ Moura.// Iniciou sua carreira na Universidade de Brasília em mil novecentos e noventa e um e tornou-se professora adjunta em 2002.// Possui em seu currículo um extenso número de participações em bancas de avaliação/, sendo cento e oitenta bancas de TCC,/ dezessete de doutorado e vinte e sete de mestrado.// Mas,/ vamos começar pelo início.// Vamos rebobinar para quando a Professora era simplesmente Dione.// Órfã de pai aos cinco anos,/ filha de uma costureira e irmã de quatro.// Uma goiana bem nordestina,/ Dione cresceu em Goiânia no bairro Campinas.//

- LOC 1** Minha mãe era costureira,/ nos criou sozinha e conseguiu ter cinco filhos formados em universidades.//
Eu sabia que eu iria ser uma profissional.// Eu tinha isso como horizonte porque era a minha educação.//
Eles tinham educação como algo a ser feito.// Mesmo a família sendo modesta.// Nunca se pensou da gente trabalhar cedo,/ nada.// Era estudar.//
- LOC 2** A prioridade que seus pais deram aos estudos mostrou-se frutífera.//
Dione graduou-se em 1986 em jornalismo pela Universidade Federal de Goiás/ e em seguida partiu para mestrado e doutorado.//
Sempre articulando seus estudos a um certo ativismo social.//
- LOC 1** São três temas com os quais eu continuo sempre trabalhando:/ a questão ambiental,/ a questão da identidade negra,/ direitos da população negra e de outros grupos que tenham dificuldades,/ obstáculo social/ ou preconceito.// E me envolver com políticas de inclusão.//
- LOC 2** Para a professora,/ umas das facetas primordiais de seu trabalho como docente é pensar sobre os temas,/ atuar sobre ele/s e formar pessoas capacitadas para atuar na sociedade de forma ética.//

TÉC **TRILHA 1 CORTA**

- LOC 1** Agora,/ gostaria de interromper a apresentação por um breve instante.// Lhes proponho uma rápida dinâmica.// Pensem nos professores que já tiveram na universidade.// Quantos destes são negros?//
Em um levantamento feito pela Universidade de Brasília e veiculado pelo site G1 em 2016,/ mostra que em seu quadro de professores de três mil seiscentos e setenta,/ apenas sessenta e cinco destes se autodeclararam negros.// Apenas/ 1,77% de professores da instituição são negros.//

TÉC **TRILHA 1 VOLTA**
RODAR ARQUIVO “entrevistas-mixdown.wav - 30” – CORTA

- LOC 2** Estabelecer a população negra do país no ambiente acadêmico tange,/ ainda o corpo estudantil das universidades.//
Em dois mil e três/ a UnB aprova o programa de cotas raciais,/ do qual a Professora Dione tornou-se relatora.//

- LOC 1** Quando em dois mil e três,/ a UnB vai aprovar o processo de cotas que eu me tornei relatora.// Eu tinha se anos de estudo sobre a questão racial.// Primeiro eu tinha a minha vida,/ como mulher,/ jornalista e pesquisadora negra.// Como foi difícil convencer a comunidade,/ a opinião publica,/ os jornalistas/ como era importante ter mais jovens negros.// Geralmente a gente pensa que a inclusão beneficia quem chega.// Se em vinte estudantes/ vieram dois indígenas,/ não só os dois indígenas que estão ganhando,/ os dezoito também,/ eles tem o privilégio de conviver com dois indígenas,/ vão aprender essa cultura.//
- LOC 2** A professora relembra questionamento de pessoas que a época da implantação indagavam acerca das consequências do convívio entre jovens cotistas e não cotistas.//
- LOC 1** Melhor ele conviver dentro da sala de aula com um grupo de pesquisa/ do que esse rapaz de dezoito anos tá lavando o carro dele.// Ele convive com ele de alguma forma,/ por que ele não pode ser viável dentro de um grupo de trabalho?// Dividindo tarefas,/ aprendendo,/ construindo conhecimento?//
- LOC 2** Sempre envolvida e dedicada ao ambiente acadêmico/, a Professora se encontra apreensiva quanto ao futuro das universidades públicas.//
- LOC 1** Nesse momento eu tô meio desanimada com relação ao futuro da universidade.// Desanimada talvez não seja uma boa palavra,/ porque significava que eu estaria sem animo,/ então não estou sem animo,/ mas estou preocupada.//
Tem muito em jogo.//

TÉC **TRILHA1 CORTA**
TRILHA 2: ARQUIVO “Gonzaguinha - Comportamento Geral.mp3” - 8” - CORTA

- LOC 1** Este foi o Programa “Vidas Sonoras”,/ especial “Dione Moura”/
Uma produção dos alunos de Roteiro, Produção e Realização em Áudio./da Faculdade de Comunicação da UnB.//
Roteiro/ e locução:/ Luiza Santana//
Produção/ e edição:/ Jusef Felipe//
Pesquisa:/ Luiza Santana e Jusef Felipe//
Orientação:/ Professor Elton Bruno Pinheiro//
Apoio:/ Laboratório de Áudio – FAC/UnB///

Todo(a) estudante de Comunicação espera ansiosamente o início das atividades laboratoriais durante a graduação. Afinal de contas, é neste momento, que se trabalha tanto os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriores (fundamentos históricos, conceituais, éticos, teóricos etc.) quanto os do próprio exercício laboratorial, que busca relacionar efetivamente o par dialético teoria/prática, algo que parece tão caro aos cursos da área.

Esse foi o desafio empreendido aos(às) alunos(as) pelo professor Elton Bruno Pinheiro, do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora da Faculdade de Comunicação (FAC), da Universidade de Brasília (UnB). Nos dois semestres de 2017, o docente ministrou as disciplinas: Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1.

O resultado desta pertinente e original proposta pedagógica pode ser visto nas páginas que se seguem: um registro de alguns dos produtos (comunicacionais) sonoros que elaboraram, aliados ao pensamento crítico e teórico sobre suas atividades profissionais. Um processo que, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996), em sua importante obra *Pedagogia da Autonomia*, “[...] pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Cristiano Anuniação
Professor de Comunicação
do Centro Universitário Estácio de Brasília